

**A POÉTICA DO PARAFUSO – O MAL-ESTAR EM *ANGÚSTIA*, DE GRACILIANO RAMOS**

Leonardo Almeida Filho

## A POÉTICA DO PARAFUSO – O MAL-ESTAR EM ANGÚSTIA, DE GRACILIANO RAMOS

Leonardo Almeida Filho

**RESUMO:** A análise psicológica do romance *Angústia* (Graciliano Ramos) tem se mostrado uma tendência. Este trabalho pretende analisar algumas imagens utilizadas pelo autor, particularmente a ideia de parafuso como imobilidade social, e interpretar, a partir de Freud e seu *O mal-estar na civilização*, a angústia inerente aos personagens do romance.

**Palavras-chave:** *Angústia*, Graciliano Ramos, Psicanálise, *O mal-estar na civilização*.

**ABSTRACT:** The psychological analysis of the novel *Angústia* (Graciliano Ramos) has become a trend. This paper aims to examine some of the images used by the author, particularly the idea of a screw representing social immobility, and the interpretation of the inherent anguish of the characters of the novel based on Freud and his *Civilization and its Discontents*.

**Keywords:** Graciliano Ramos, psychoanalysis, Civilization and its Discontents.

Graciliano Ramos, conforme atesta seu filho Ricardo Ramos, manifestou por diversas vezes sua frustração diante da insistência dos críticos em realçarem um caráter eminentemente “psicologista” de *Angústia*, em detrimento de sua carga social. Sem querer intrometer-me no mérito da questão, ou seja, não querendo defender uma vertente analítica desmerecendo a outra, creio que é possível investir na construção de uma interpretação psicanalítica do texto literário, tendo-se em conta que muito do que se revela no discurso do personagem, particularmente em *Angústia*, deve-se à sua interação, no mais das vezes terrível, com a realidade que o cerca. Na verdade, toda neura provém da relação do ego com o meio.

Luís da Silva é o que é, um narrador torturado, fragmentado e obsessivo, em conflito permanente consigo e com os outros, pela sua incapacidade em adequar-se ao sistema social que o envolve. Em outras palavras, a ontogênese do sujeito narrador em *Angústia* revela a formação de um superego rígido e vigilante, que o faz sentir-se inferior a tudo e a todos, portador de uma tristeza profunda e uma descrença mórbida quanto ao futuro. Essa visão peculiar do narrador compõe o que Antonio Candido houve por bem determinar como um “sistema literário pessimista” nos livros de Graciliano Ramos (CANDIDO, 1999, p.53). Para ele, de maneira geral, os livros do velho Graça apresentam:

Meninos, rapazes, homens, mulheres; pobres, ricos, miseráveis; inteligentes, cultos, ignorantes – todos obedecem a uma fatalidade cega e má. [...] A vida é um mecanismo de negações em que procuramos atenuar o peso inevitável dessas fatalidades: e parecemos ridículos, maus, inseqüentes. (CANDIDO, 1999, p.54)

Em *Angústia*, a visão do mundo é perpassada por profundo mal-estar, desassossego, revolta surda e dolorida. Luís da Silva, um Quixote amargo, ressentido de sua vida comezinha e projeta na realidade, que evita encarar, a razão de sua pequenez. Sente-se um bicho que deseja ser um bípede, mas lhe é impossível atingir essa posição, pois há sempre um chefe, um padre, uma farda, um sargento invisível, um olho mau e censor atento para castrar-lhe essa ânsia utópica e indicar-lhe sua real posição: ser um reles Luís da Silva, homem-parafuso que obedece “a uma fatalidade cega e má”.

A imagem do parafuso a pontuar a vida comezinha dos indivíduos miseráveis, além da do próprio narrador, em *Angústia*, adapta-se perfeitamente à própria forma global do texto, evidentemente urobórica. Em outras palavras, ao definir-se como um “sujeito de fala arrevesada e modos de parafuso” (RAMOS, 1984, p.120) e referir-se aos demais como “pequeninas almas de parafusos fazendo voltas num lugar só” (RAMOS, 1984, p. 118), o que Luís da Silva acaba por fazer é projetar,

nessa metáfora do parafuso, a forma global do romance, que se revela fechada, num círculo que aprisiona o personagem, como Uróboro, a serpente mítica que morde a própria cauda.

*Angústia* tem forma intencionalmente circular, seu capítulo inicial é continuação do capítulo final, um anel formal que nos remete à ideia de eternidade e aprisionamento. Sua circularidade encontra representação simbólica na figura da serpente que, aliás, é uma imagem recorrente nas lembranças do narrador. As cobras são figuras constantes na narrativa de Luís da Silva e nos permitem mesmo sugerir que sejam projeções de natureza profunda de sua consciência. Chevalier e Gheerbrant, em seu *Dicionário de Símbolos*, nos informam que a serpente encarna “a psique inferior, o psiquismo obscuro, o que é raro, incompreensível, misterioso” (CHEVALIER/GHEERBRANT, 1995, p.814). Em sua forma anelada, uróboro, concretiza em símbolo o encarceramento dramático de Luís da Silva, sua impotência e letargia, seu discurso que se repete indefinidamente, sem esperança ou salvação. É

a serpente que morde a própria cauda, que não pára de girar sobre si mesma, que se encerra no seu próprio ciclo, evoca a roda das existências, o samsara, como que condenada a jamais escapar de seu ciclo para se elevar a um nível superior; simboliza o perpétuo retorno, o círculo indefinido dos renascimentos, a repetição contínua, que trai a predominância de um fundamental impulso de morte. (CHEVALIER/GHEERBRANT, 1995, p.923)

Ambas as imagens, do parafuso e de uróboro, revelam metaforicamente o drama que se desenrola tanto no nível interior quanto no exterior do sujeito narrador, refletindo no discurso o ser aprisionado em relações sociais opressoras que lhe tolgem a possibilidade de ser pleno e feliz, ou seja, expressa, no nível exterior ao sujeito, o homem que é submetido às regras de uma sociedade injusta e cruel que não lhe permite mais que girar em torno de si, como um parafuso, uma peça que tem a função de fixar os moldes de uma estrutura maior, sem rosto, monstruosa, o Leviatã que, ao final das contas, será o responsável por sua infelicidade, mesquinhez e miséria. Condenado a ser um reels parafuso e a girar eternamente num só lugar, a esse sujeito são negados a plenitude e o gozo e seu destino histórico é manter-se “enroscado” na grande estrutura que, subjugando-o, mantém-no indefinidamente nessa posição inferior.

Por outro lado, esse mesmo parafuso é imagem interior que reflete a angústia de Luís da Silva, girando sempre em torno de sua vidazinha medíocre e amarga, com desejos violentos de morte. Ele também gira em torno de um só lugar, permitindo-se variações mínimas sobre um mesmo tom, uma melodia monótona, uma só obsessão: eliminar Julião Tavares. Este, por sua vez, representa tudo aquilo que o narrador abomina. Luís da Silva identifica, na figura obesa de seu oponente, essa estrutura sem rosto e demoníaca que é a razão de seu infortúnio e de toda a miséria humana. Julião Tavares também é esse Leviatã, a personificação do mal, do poder absoluto, da hipocrisia.

Lúcia Helena Carvalho constrói raciocínio semelhante sobre a imagem do parafuso, dizendo-nos que, em *Angústia*, “a narrativa circula sempre em torno do mesmo motivo, como *parafuso*, metáfora esta textualizada pelo autor e que define os próprios processos mentais do protagonista” (CARVALHO, 1983, p.23)

Criador e criatura partilham essa mesma ideia de que um mundo de valores burgueses não merece ser perpetuado e, mais que isso, para Graciliano Ramos – o criador –, eliminar esse mundo abjeto é uma profissão de fé, compromisso do artista e do cidadão. Como nos diz Antonio Candido, a “morte dos valores burgueses é surdamente desejada em sua obra [...] e Julião Tavares é de algum modo símbolo do desejo de liquida-los”. (CANDIDO, 1999, p.67)

Mesmo entendimento manifesta Hermenegildo Bastos, para quem “a destruição de Julião

Tavares, o seu fim, não é uma necessidade apenas de Luís da Silva, mas do autor também, pois o que Julião Tavares representa em termos de poder, de indignidade, de submissão é um problema para um e para outro.” (BASTOS, 1998, p.128-9) Para Luís da Silva, inconscientemente, a figura de Julião Tavares representa uma espécie de superego coletivo, ou seja, é a condensação de todo o aparato social repressor que moldou seu caráter servil e nele reprimiu todas as possibilidades de ser feliz no mundo.

Segundo Freud, em “O mal-estar na civilização”, a vida em sociedade tem seu pilar na repressão e controle dos desejos individuais. Não há como se constituir uma civilização sem que se controle e reprima os instintos básicos de seus membros. Diz-nos ele que “A liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização” e que o desenvolvimento da cultura e da vida em sociedade “impõe restrições a ela [à felicidade], e a justiça exige que ninguém fuja a essas restrições.” Viria, portanto, dessa repressão dos instintos básicos, o propalado “mal-estar” da civilização. (FREUD, 2006, p. 116)

Seguindo essa linha de análise, é de se entender a revolta de Luís da Silva face ao mundo em que vive. Se as normas, leis e regras, têm a função de controlar e regular os indivíduos numa vida em sociedade, é de se esperar que essas mesmas leis se apliquem a todos, indistintamente. Da mesma forma, se todos abrem mão do que têm de mais humano e prazeroso em função dessa vida em sociedade, é lógico que esperam obter da civilização tudo a que têm direito por contribuírem e se constituírem, no mais das vezes ordeiramente, numa peça da engrenagem social, “um parafuso” que mantém coesa essa sociedade. Mas nem tudo é tão simples e consequente, pois eventualmente revoltas acontecem, guilhotinas trabalham e gargantas são estranguladas. E é bem provável que se possa ouvir, no silêncio desses indivíduos ordeiros, uma voz que canta como a voz da canção “Quando o carnaval chegar”, de Chico Buarque, “Tô me guardando pra quando o carnaval chegar.”

No mundo burguês, o mundo de *Angústia*, o que se observa é a manifestação cruel do poder daqueles que têm o capital, e tudo o que ele comporta: dinheiro, influência, autoridade sobre aqueles que, de mais sagrado, vendem sua força de trabalho. O mundo de Luís da Silva, o da Maceió dos anos 30, é um mundo baseado no controle político e econômico de oligarquias que se perpetuam pela corrupção, violência, pela compra de votos, pelo desrespeito aos direitos básicos do indivíduo e pela manutenção de um estado de miséria e analfabetismo. Em *Angústia*:

Graciliano capta a atmosfera exterior sombria da primeira metade da década de 1930, transformando a província em microcosmo dos conflitos que assolavam o Brasil e o mundo, com a ascensão do fascismo, a recessão brutal após a crise de 1929 e as contradições que marcavam a transição da sociedade semicolonial brasileira para a etapa capitalista. (MORAIS, 1992, p.97)

O mundo de *Angústia* é, portanto, esse mundo terrível que não respeita a dignidade bípede de quem não tem poder e influência. Aí, nesse lugar de profundas injustiças, é que se dá o desfile arrogante de Julião Tavares, afrontando o narrador com sua presença “balofa” e remetendo-o, bicho curvado, à sua mediocridade, à condição de parafuso. “Um cachorro como Julião Tavares andar empertigado, e eu curvar-me para a terra, como um bicho!” (RAMOS, 1984, p.122). Essa situação de descrença e de humilhação remete o narrador ao desenvolvimento do crime como alternativa à sua desgraça. Mas tudo em vão, ele percebe, pois Julião Tavares é apenas um entre tantos Juliões Tavares que o oprimem. Freud dizia não entender como era “possível privar de satisfação um instinto.” Para ele, privar alguém de seu instinto básico, de seu desejo, era algo muito arriscado para a civilização. “Não se faz isso impunemente. Se a perda não for economicamente compensada, pode-se ficar certo

de que sérios distúrbios decorrerão disso.” (FREUD, 2006, p.109).

Ora, é de se esperar que uma caldeira exploda, arrastando consigo toda a usina nessa destruição, se não lhe permitem vaziar o excesso de vapor. Da mesma maneira, é de se esperar que o homem, mais cedo ou mais tarde, reaja ao processo de aniquilamento individual a que é submetido na sociedade se esta não lhe concede um afago, um gozo, um bilhete premiado de número 16.384 que possa atenuar sua revolta e descarregar sua energia represada. E se essa sociedade, como a de *Angústia*, a de Graciliano Ramos, caracteriza-se pela injustiça e pela exploração dos miseráveis, mais do que nunca, deve-se esperar uma reação similar à que provoca no sujeito. É lógico que existem válvulas de escape para esse sentimento de pressão interna, e Freud sugere a religião, a arte, a ciência, ou seja, o deslocamento da libido para outros objetos, via sublimação. Mas, se Luís da Silva vende a sua arte aos poderosos, se a religião que cultua parece ser o ateísmo e se, na ciência, ele não se encontra, o que esperar dele senão agir de forma violenta? Eliminar aquele que, na sua visão angustiada, representa tudo aquilo que lhe deu coices a vida inteira e, dessa forma, resgatar a sua dignidade perdida, manter-se ereto, ser um bípede, um homem?

Ele confessa: “Nunca se acaba a dignidade da gente, d. Adélia. A gente é molambo sujo de pus e rola nos monturos com outras porcarias, mas recorda-se do tempo em que estava na peça, antes de servir.” (RAMOS, 1984, p.144). E é por isso, por lembrar-se de que nem sempre foi um parafuso, por ter ciência de que, em algum tempo, foi um bípede orgulhoso de sua humanidade, que ele sente a necessidade vital de agir. E age da forma que lhe compete agir como parafuso, ou seja, ignorando o que existe longe dele, conhecendo perfeitamente as coisas por onde passam as suas roscas. Luís da Silva, ao referir-se ao futuro de algumas crianças que observa nos diz: “Dentro de vinte anos as que gostassem de torcer-se no mesmo canto seriam parafusos. Ignorariam o que existisse longe delas, mas conheceriam perfeitamente as coisas por onde passassem as suas roscas.” (RAMOS, 1984, p.119). E suas roscas passam pelo mundo enevoado e pestilento de *Angústia*, onde transitam Julião Tavares e sua empáfia. Nesse mundo, apesar de portar-se sempre de cabeça baixa, servil, como um cachorro, e no qual, diante de Julião Tavares, ele é sempre o “estúpido”, confessa que “Sorria, esfregava as mãos com esta covardia que a vida áspera me deu e não encontrava palavra para dizer” (RAMOS, 1984, p.51), ele sente que ainda tem aquela dignidade “que estava na peça, antes de servir” e que essa mesma dignidade está lhe cobrando uma atitude fundamental para sua sobrevivência: ação.

Ao calar a voz oleosa de Julião Tavares, Luís da Silva tencionava emudecer todas as vozes oleosas do mundo, todas as gargantas que lhe davam ordens: “Nas redações, na repartição, no bonde, eu era um trouxa, um infeliz, amarrado.” (RAMOS, 1984, p.197). Julgava finalmente poder manter-se ereto, na dignidade dos bípedes, e esquecera até que habituara-se “a falar baixinho na presença dos chefes.” (RAMOS, 1984, p.197), pois, ao estrangular Julião Tavares, tomara as rédeas de seu destino, agira como senhor de sua vida e, portanto, naquele instante de “deslumbramento”, ele não era mais o “homenzinho da repartição”, e nenhuma ameaça lhe tiraria o sono: “Pessoas que aparecessem ali seriam figurinhas insignificantes, todos os moradores da cidade eram figurinhas insignificantes.” (RAMOS, 1984, p.198).

Em *Angústia*, ao percorrermos a narrativa nervosa do protagonista, identificamo-nos com sua tragédia e reconhecemos em sua trajetória nossa própria porção parafuso. Em discurso proferido no jantar de comemoração dos cinquenta anos de Graciliano Ramos, o poeta Augusto Frederico Schmidt diz que atravessar as páginas de *Angústia* é como sair de um túnel. (SCHMIDT, 1943, p.14). Sim,

felizmente, como leitores, temos essa opção de nos livrarmos do círculo urobórico da narrativa. Mesma sorte não usufrui o protagonista que, pela composição cruel do criador, vê-se perpetuamente aprisionado, condenado como um Sísifo nordestino que não empurra pedras, mas fricciona uma peça de corda no pescoço do que julga ser o mal, de acordo com Schmidt:

Sua piedade, Graciliano Ramos, está em que no sangue e na carne das suas criaturas, em que no rancor e mesmo na crueldade das suas criaturas, há muito do seu próprio sangue, da sua própria carne, do seu rancor e da sua crueldade. (SCHMIDT, 1943, p.13)

Em Luís da Silva, o sangue, a carne, o rancor e a crueldade não pertencem apenas a Graciliano Ramos; juntam-se a eles o nosso sangue, carne, rancor e crueldade. Luís da Silva, como destaca Sônia Brayner, é um de nós. (BRAYNER, 1978, p. 212). Por nos identificarmos com sua figura triste e miserável, a do nosso Quixote amargo, por presenciarmos, em níveis diferentes, a mesma sensação de impunidade, de hipocrisia e injustiça, é que podemos inferir que nossas mãos também apertaram aquela peça de corda no pescoço de Julião Tavares. Como ressalta Luiz Alberto Pinheiro de Freitas, é “através da possibilidade de identificação com o personagem que o leitor irá prazerosamente, por vezes pelo sofrimento, libertar-se do mundo que o cerca e deixar fluir a imaginação, vivendo de forma intensa e protegida as mesmas paixões e agruras do herói.” (FREITAS, 2001, p.39). É por esse motivo que faço minhas as palavras de Rubem Braga, registradas em discurso endereçado a Graciliano Ramos nos seus cinquenta anos, e que dizem:

O que senti vontade de lhe dizer hoje, e fica dito agora é o seguinte: que, tanto quanto eu, há milhares de pessoas no Brasil que não estão presentes ao banquete mas que desejam que você fique sabendo que estão ao seu lado. Conte conosco, não apenas na hora de comer e de beber, como também na hora de ter ódio de Julião Tavares, de lutar contra Julião Tavares – e de matar Julião Tavares. (BRAGA, 1943, p.118)

Luís da Silva, como *alter ego* de seu criador, denota o mesmo asco pelos valores burgueses de seu mundo enevoado e mórbido, porém, ao contrário de Graciliano Ramos, que utilizou os seus romances para denunciar e registrar sua revolta contra esse mundo injusto, cruel e opressor, Luís da Silva acaba por agir criminosamente, projetando todo o seu ódio na figura emblemática de Julião Tavares. Matando-o, ilude-se com um ténue instante de deslumbramento. O trágico em seu gesto é reconhecê-lo inútil, posto que há outros e piores Juliões Tavares. Estes, imunes a cordas, sem rosto, estão a dizer-lhe palavras incompreensíveis e, acima de tudo, a ameaçar-lhe com um olho eternamente vigilante.

Graciliano Ramos, ao construir *Angústia*, estava dando forma ficcional ao mundo desesperançado da década de 30, no nordeste brasileiro e no mundo. Sua atmosfera sombria reflete as projeções nefastas do nazismo em ascensão, do Estado Novo em plena carga, da situação miserável de sua região. Junte-se a isso sua situação pessoal, pois, à época, enfrentava sérios problemas conjugais e étlicos. Luís da Silva, um Quixote amargo, consegue a proeza de condensar, além desse mundo pessoal do autor, os nossos próprios gestos de revolta em face à realidade. E isso só é possível porque, como afirma Freud, só a arte tem esse poder de nos arrastar ao prazer pelo usufruto do devaneio de um grande criador. (FREUD, 2006).

Ao emprendermos o diálogo entre os textos de Freud e o romance de Graciliano Ramos, o que acabamos por revelar foi a existência de um narrador neurótico, profundamente cindido entre o desejo e o desprazer, angustiado e fragmentado, um indivíduo portador de profunda revolta,



massacrado pela opressão interna, na figura de seu superego cruel e censor, e pela repressão externa, na concretização de um superego coletivo, social, transposto em regras, normas e leis e, mais que isso, na tirania de um sistema econômico que prima pela manutenção de oligarquias privilegiadas em detrimento de incontáveis Luíses da Silva, homens-parafusos, pequenos, silentes.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Hermenegildo. *Memórias do cárcere, literatura e testemunho*. Brasília: EDUNB, 1998.

BRAGA, Rubem. "Discurso de um ausente ao banquete de homenagem a Graciliano Ramos". In:

SCHMIDT, Augusto Frederico et. al. *Homenagem a Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1943.

BRAYNER, Sônia (Org.). "Graciliano Ramos e o romance trágico". In: *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

CARVALHO, Lúcia Helena. *A ponta do novelo: uma interpretação de Angústia*, de Graciliano Ramos. São Paulo: Atica, 1983.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Coordenação de Carlos Sussekind. Trad. Vera da Costa e Silva et. al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. *Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

MORAIS, Denis. *O velho Graça*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Record, 1984.

SCHMIDT, Augusto Frederico et. al. *Homenagem a Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1943.

Leonardo Almeida Filho é professor universitário, escritor, ensaísta, reside em Brasília, mestre em literatura brasileira pela Universidade de Brasília, com dissertação sobre a obra de Graciliano Ramos. Publicou "O livro de Loraine (romance, 1998), "logomaquia" (híbrido, 2008) e recentemente, pela Editora da UnB, "Graciliano Ramos e o mundo interior: o desvão imenso do espírito" (2009).